



GT – 23: “Urbanização, turismo e lazeres”

DE SERTÃO CARIOCA A DOMÍNIO RESIDENCIAL

o papel das residências secundárias no processo de urbanização de um domínio periurbano: o caso de Guaratiba

Marcio Luis Fernandes
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Márcio.fernandes@rioeduca.net

RESUMO: Este artigo pretende focalizar o papel da residência secundária na consolidação do fenômeno responsável por uma nova dinâmica espacial em áreas periurbanas que outrora eram marcadas por atividades tipicamente rurais. A fim de demonstrar como uma espacialidade que outrora era conhecida como sertão carioca metamorfoseou-se, hodiernamente, em um domínio residencial, aplicaremos a presente temática à realidade espacial da área periférica da cidade do Rio de Janeiro conhecida como Guaratiba.

Palavras-chave: Segunda residência; Urbanização; Guaratiba.

1. INTRODUÇÃO

Guaratiba é um lugar que pode ser utilizado como exemplo para traduzir o processo de expansão da nossa cidade. A porção periférica da zona oeste do Rio de Janeiro passa, atualmente, por uma verdadeira marcha urbanizadora, uma vez que sua pretérita configuração rural-agrícola vem sendo substituída pela hodierna tendência urbano-residencial (FERNANDES, 2003; 2006; 2010; 2012; 2014b; 2015c; 2020; 2024b).

A crescente especulação imobiliária em voga na localidade teve seu início na década de 1970, intensificando-se nos últimos anos da década de 1990. Este processo tem metamorfoseado Guaratiba em um dos veios do espraiamento da urbe carioca nos últimos anos. O evento em questão tem estimulado uma considerável mobilidade em direção ao lugar (FERNANDES, 2020; 2021; 2024).

O local bucólico, visitado esporadicamente por proprietários de residências secundárias – tradicional produtor agrícola – passa por um constante processo de valorização fundiária/imobiliária e por um aumento considerável em sua população residente. A localidade em tela há anos é apresentada como o mais provável alvo sobre o qual incidirá o volátil capital especulativo imobiliário. Muitos especialistas apontam que a cidade do Rio de Janeiro crescerá em direção à Guaratiba (LESSA, 2001; REDONDO, 2012; JANOT, 2013).

No contexto da porção periférica da cidade, até a primeira metade do século passado, Guaratiba representava o denominado “sertão carioca”, sendo o seu ruralismo e rusticidade foco de um importante trabalho do pesquisador Magalhães Corrêa em 1936 (CORRÊA, 1936). Por residirem em um local periférico, distante da área central, muitas vezes, os moradores locais são alvo de brincadeiras e gozações por parte dos que residem em bairros mais conhecidos da cidade (FERNANDES, 2019; 2020; 2021).

Até a década de 1990, Guaratiba, vale repetir, era caracterizada como um dos últimos remanescentes rurais do Rio de Janeiro – domínio onde prevalecia a produção de frutas, verduras e legumes. A partir deste período, no entanto, o local bucólico, frequentado esporadicamente por proprietários de residências secundárias, passa por um constante processo de valorização fundiária/imobiliária e por um aumento considerável em sua população residente.

Residência secundária, ou segunda residência, representa uma categoria de análise muito utilizada pelos geógrafos para explicar o processo de urbanização em estados como o Rio de Janeiro (RIBEIRO E COELHO, 2007) e localidades como Ilha de Guaratiba (FERNANDES, 2003; 2006; 2010; 2019; 2020; 2024; 2024b).

O termo “domínio”, por sua vez, pode ser entendido como uma área existencialmente demarcada que nos remete a uma noção de pertencimento ao chão experienciado de mulheres e homens em meio às singularidades de seus respectivos universos vividos. Trata-se de uma categoria comumente utilizada nos estudos geográficos (MELLO, 2001) e que, no caso específico deste artigo, representa os referenciais geográficos que envolvem a espacialidade focalizada neste estudo qual seja Guaratiba (FERNANDES, 2022b; 2024b).

A decadência da produção agrícola transformou Guaratiba em uma área de notória cobiça imobiliária evidenciada pelos condomínios residenciais surgidos depois de 1990. Vale salientar que os novos residentes, em sua maioria, migraram de bairros da Zona Sul e outras localidades como Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Tijuca e Jacarepaguá em busca de um contato mais próximo com a natureza (FERNANDES, 2008; 2009; 2010).

Na verdade, desde os primeiros séculos de colonização, os aterros contribuíram para a expansão urbana do Rio de Janeiro. Com o crescimento da cidade, o homem venceu elevações promovendo a perfuração de túneis, tais como o Rua Alice/Barão de Petrópolis, em 1887, e o chamado Túnel Velho, em 1892, conectando Botafogo a Copacabana. Mais recentemente, a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes ganharam expressão em meio ao espraiamento do tecido urbano carioca (CARVALHO, 2004).

Na atual corrida para o oeste, a aludida marcha urbanizadora continua incorporando novas áreas ao seu valorizado espaço. Nesse sentido, com vistas às Olimpíadas de 2016, o Túnel da Grota Funda, inaugurado em 2012, que faz parte do corredor Transoeste, integra Guaratiba, definitivamente, à malha urbana carioca (FERNANDES, 2011; 2012; 2013; 2024b).

O objetivo deste artigo é demonstrar como o fenômeno da segunda residência pode contribuir para o processo de urbanização de domínios periurbanos de grandes cidades como o Rio de Janeiro. Como exemplo de análise, o texto pretende se debruçar sobre a marcha urbanizadora que vige em um domínio periférico do extremo oeste carioca conhecido como Guaratiba (FERNANDES, 2015; 2017; 2019; 2021; 2022; 2023; 2024; 2024b).

2. GUARATIBA E SEUS DOMÍNIOS

A longa construção geográfica de Guaratiba remonta ao dia 05 de março de 1579, data em que Manuel Veloso recebeu da Coroa Portuguesa uma gleba de aproximadamente 52 Km² para fixar residência. Falamos da antiga sesmaria de Guaratiba, criada 14 anos após a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (FRIDMAN, 1999).

A chegada de Manoel Velloso, que veio morar na recém-constituída sesmaria de Guaratiba com os outros membros de sua família, foi o marco político dos domínios guaratibanos. A partir de então, o lugar passou a ser explorado economicamente através da edificação e administração de engenhos de produção de açúcar e aguardente para exportação (PINTO, 1986; FERNANDES, 2023).

Ao longo dos séculos, as culturas canavieira e cafeeira, bem como outras atividades agrárias, imprimiram no lugar marcas que caracterizaram Guaratiba até a segunda metade do século XX. A grande produção agrícola de outrora, fez de Guaratiba uma das mais ricas e prósperas freguesias do Rio antigo nos séculos XVIII e XIX, até que uma grande seca, a partir de 1888, consumiu suas plantações (SANTOS, 1965; FRIDMAN, 1999).

Atualmente, a organização político-administrativa do município do Rio de Janeiro privilegia a subdivisão do território carioca em bairros. Na verdade, a cidade é composta por nove subprefeituras que se subdividem em 33 regiões administrativas (que equivalem aos distritos em boa parte dos municípios brasileiros). As Regiões Administrativas (IMAGEM 1), por sua vez, são compostas por um ou mais bairros (FERNANDES, 2015c). A divisão oficial da cidade do Rio de Janeiro em bairros ocorreu apenas em 1981, por meio do Decreto n.º 3158 de 23 de julho de 1981, tendo por base conceitual a noção geográfica de bairro defendida por uma conceituada pesquisadora: a professora Maria Terezinha Segadas Soares da UFRJ (SOARES, 1990).



IMAGEM 1 – OS DOMÍNIOS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE GUARATIBA – A XXVI R.A. representa Guaratiba, sendo constituída por três bairros oficiais (Guaratiba, Pedra de Guaratiba e Barra de Guaratiba) e um bairro centenário – assim eleito por seus moradores – cuja prefeitura não reconhece como tal: Ilha de Guaratiba (FERNANDES, 2020).

No zoneamento da cidade em bairros, Soares (1962; 1990) considera importante o papel das elevações, uma vez que pode separar partes da cidade, isolando-as das outras. Para a pesquisadora, essa característica física pode contribuir para que um lugar adquira individualidade de bairro. Nesta abordagem, os elementos que poderiam contribuir para a individualização de um bairro – além do relevo – seria o conteúdo social, a paisagem urbana e a função. As forças do passado e os fatores do presente, igualmente, coadunam para a constituição de um bairro. Muitas vezes, no entanto, a administração municipal não utiliza esse critério, desconsiderando bairros autenticamente eleitos por seus moradores, como é o caso de Ilha de Guaratiba (IMAGEM 2).



IMAGEM 2 – ILHA DE GUARATIBA NO CONTEXTO CARIOCA – Os domínios de Ilha de Guaratiba (em verde) no contexto carioca (FERNANDES, 2020).

Os atuais domínios guaratibanos coincidem com os limites estabelecidos por meio do decreto 3158 de 1881 – documento que instituiu a R. A. de Guaratiba – sendo esta composta por três bairros oficiais (Guaratiba, Barra de Guaratiba e Pedra de Guaratiba). Além dos três bairros citados acima, no interior de Guaratiba (o mais extenso bairro da cidade), há um outro bairro eleito por seus moradores, o qual a prefeitura não reconhece como tal, cujos limites são fluidos e existencialmente demarcados: Ilha de Guaratiba. As “Guaratibas”, portanto, são representadas por uma região ampla no bojo do território carioca (FERNANDES 2003; 2005; 2006; 2009; 2008; 2010; 2011; 2012; 2013; 2014; 2014b; 2014c; 2014d; 2015; 2015 b; 2015c; 2015d; 2016; 2017; 2017b; 2018; 2019; 2019b; 2020; 2021; 2022; 2022b; 2023; 2023b; 2024; 2024b).

3. AS RESIDÊNCIAS SECUNDÁRIAS COMO EMBRIÃO DA MARCHA URBANIZADORA NOS DOMÍNIOS GUARATIBANOS

Minha infância me remete a um lugar completamente diverso do atual. Nas últimas cinco décadas (a partir de 1970), Guaratiba passou por uma verdadeira metamorfose espacial. Mudou sua estrutura produtiva, mudou sua paisagem, mudou o trato entre as pessoas – enfim – mudou muita coisa. Me lembro, como se fosse hoje, do verde das plantações que abundavam em minha rua. As hortas de alface, couve, agrião, salsinha, cebolinha, chicória – bem como as roças de quiabo, chuchu, abóbora, jiló, batata doce, aipim – eram muitas. Isso, sem contar nos pomares de manga, laranja, mamão, maracujá e tangerina.

Como parcela considerável dos guaratibanos de longa tradição, vivenciei o período em que o acesso a glebas consideráveis de terra ainda era relativamente fácil devido ao vazio humano que a espacialidade de então representava. Nesse ínterim, a citricultura era praticada por alguns produtores agrícolas do lugar. Uma das descrições que Magalhães Corrêa faz em relação à porção espacial em tela é “a região dos laranjais” (CORRÊA, 1936). Esse fato aponta que a produção de laranjas é bem anterior ao início de minha trajetória em meio ao meu universo vivido.

A rusticidade e o ruralismo do “sertão carioca”, com seu aspecto interiorano e suas roças, já impressionavam os “outsiders” urbanos do Rio de Janeiro na década de 1930

(CORRÊA, 1936). Imaginemos esse fascínio 50 anos depois, quando a cidade já havia tomado ares de metrópole? Era surpreendente para a maioria dos cariocas que, dentro de sua própria cidade, de uma metrópole como o Rio de Janeiro, havia um lugar completamente diverso de seu mundo vivido. Um lugar caracterizado por roças e por uma vida devotada à natureza e à rusticidade campestre.

A atividade agrícola em Guaratiba estava intimamente relacionada ao universo das feiras-livres. Na verdade, a agricultura no local se manteve, durante décadas, graças às feiras-livres. Até a década de 1980, boa parte dos guaratibanos acumulavam duas funções: lavradores e feirantes.

Quando a CEASA foi construída, houve um impacto direto na produção agrícola local. Muitos agricultores que cultivavam os produtos que comercializavam nas feiras-livres, passaram a comprar esses produtos na CEASA. Depois eclodiram os sacolões locais que afetaram diretamente as feiras-livres. A maioria das pessoas deixou de se deslocar para as feiras quando sacolões foram inaugurados em sua vizinhança. Além disso, nos sacolões os preços eram mais atrativos.

Outro fator que contribuiu para a ruína dos lavradores guaratibanos foi a concorrência representada pelos grandes produtores da Região Serrana e do interior de São Paulo. Aos poucos, os produtores rurais da localidade perceberam que não havia como concorrer com os produtos que vinham de fora. Muitos deles substituíram suas roças pela produção de plantas ornamentais.

Além disso, ao se tornar um centro de abastecimento que recebe produtos de vários municípios do estado, a CEASA passou a concorrer com os produtores rurais de Guaratiba, uma vez que muitos feirantes passaram a comprar neste mercado produtos que, no contexto da cidade de Rio de Janeiro, eram encontrados apenas no extremo oeste carioca. Ao competir internamente com o cultivo de alimentos a partir de 1990, a produção de plantas ornamentais – por representar uma atividade bem mais lucrativa – também contribuiu para a decadência da atividade agrícola tradicional em Guaratiba.

No tocante à espacialidade pretérita de Guaratiba, podemos constatar que a aura do lugar privilegiava a agricultura e que a maioria das terras cultiváveis era utilizada por seus proprietários – notadamente pequenos e médios produtores agrícolas – a fim de produzir frutas, verduras e legumes. Estes produtos eram comercializados, em grande parte, nas feiras-livres localizadas em bairros distintos. A agricultura local era voltada para esse comércio varejista,

possibilitando aos produtores locais um mercado para sua produção e conferindo suporte, durante muitas décadas, a essa atividade nos domínios guaratibanos.

Na verdade, a desestruturação do sistema agrícola que sempre caracterizou Guaratiba ocorreu devido a uma série de eventos, dentre os quais o declínio gradativo das feiras-livres. Para isso contribuiu a gênese e posterior proliferação dos sacolões pelos bairros da cidade, fato que representou um duro golpe às feiras-livres, e por extensão, aos lavradores do lugar que dependiam do dinamismo deste mercado varejista.

A inauguração da central de abastecimento de hortifrutigranjeiros (CEASA), no bairro de Irajá, exerceu – igualmente - um impacto negativo na agricultura local. Muitos feirantes optaram por comprar diretamente na CEASA e abandonaram suas roças. Após sua inauguração (em 1974), a CEASA tornou-se uma concorrente direta dos produtores rurais guaratibanos.

A decadência das feiras livres, segundo Mascarenhas (1991), foi iniciada com o advento dos supermercados a partir da década de 1970. Este declínio foi agravado pela proliferação das quitandas populares (sacolões) por toda a cidade a partir de 1990 (FERNANDES, 2006), deixando a maioria dos produtores agrícolas de Guaratiba sem mercado consumidor para seus produtos. A perda de dinamismo das feiras-livres fez com que a atividade agrícola tradicional ruísse vertiginosamente no local e forçou sua reestruturação.

Na verdade, a produção de plantas ornamentais concorria internamente com a agricultura, uma vez que passou a representar uma atividade bem mais lucrativa que a produção de alimentos a partir de 1990. Esse aporte nos permite desvendar parte do geográfico contexto pretérito do lugar, relacionado à agricultura e sua relação com as feiras-livres.

A influência do prestigioso paisagista Roberto Burle Marx no processo que fez Guaratiba migrar da agricultura tradicional para a produção de ornamentais é indiscutível. A partir da década de 1990, os muitos trabalhos de Burle Marx passaram a demandar uma grande quantidade de ornamentais, da qual seu sítio de produção não dava mais conta. Assim sendo, seus funcionários passaram a dar suporte a essa produção por meio do cultivo de plantas em suas propriedades antes destinadas à agricultura. A partir de então, esses novos produtores floristas foram se tornando donos de seu próprio negócio e influenciando muitos a mudarem de ramo e de vida. Mas tudo teria começado com o incentivo de Roberto Burle Marx.

Da mesma forma como a produção de hortifrutigranjeiros substituiu a citricultura após sua crise nos anos 1940/1950, garantindo a aptidão agrícola dos guaratibanos, a floricultura –

principalmente após 1990 – vem substituindo as tradicionais roças de Guaratiba. Esse fenômeno, no entanto, não seria tão bem-sucedido não fosse o prestígio de Roberto Burle Marx, que representou um marco, um divisor de águas entre uma segmentação econômica (a agricultura) e outra (o paisagismo).

Nesse aspecto, podemos dizer que uma nova geografia emergiu em Guaratiba a partir dos desdobramentos da vida e da obra de Roberto Burle Marx. Os hortos mais antigos do lugar começaram a ganhar visibilidade depois que o eminente paisagista começou a difundir Guaratiba pela cidade. Os domínios guaratibanos representam hodiernamente um grande polo produtor de plantas ornamentais, conhecido até fora do estado do Rio de Janeiro, graças ao prestígio deste artista.

A despeito de manter a função primeira da terra, a produção de ornamentais está comprometida com uma nova estrutura que se delineia na localidade, relacionada ao mercado imobiliário. Atualmente, sua principal função é o suprimento da demanda crescente dos condomínios e construtoras que têm no “paisagismo fetiche” uma de suas estratégias para a transformação da terra em mercadoria imobiliária.

Em Guaratiba, no entanto, o aludido processo especulativo teve seu marco na década de 1970 através, inicialmente, da aquisição de sítios e terrenos que deram origem às primeiras residências secundárias da localidade, tornando Guaratiba um lugar muito procurado por aqueles que desejam fugir momentaneamente da agitação metropolitana.

Entre os motivos que levaram muitas famílias a adquirirem uma segunda residência em Guaratiba estão os atributos naturais, associado ao bucolismo e a tranquilidade – contrapondo-se à agitação metropolitana.

Relacionando o fenômeno da aquisição das residências secundárias à análise do processo de urbanização do Rio de Janeiro, não há como desconsiderar a atuação do capital especulativo imobiliário no processo de produção de moradia, sendo este um dos grandes responsáveis pelo espraiamento da malha urbana carioca (ABREU, 2008; RIBEIRO, 1997).

Neste contexto, Ribeiro e Coelho (2007) nos apontam para o surgimento das novas formas de morar dirigidas pelo capital imobiliário às classes de maior poder aquisitivo, que por sua amplitude no meio urbano, tem contribuído para a reestruturação espacial e expansão das metrópoles. Como exemplos materializados espacialmente, podemos citar os condomínios residenciais.

No entanto, essa lógica relacionada à produção do espaço urbano, muitas vezes, inicia-se a partir do processo de aquisição de residências secundárias pelas classes economicamente privilegiadas, como nos aponta Assis (2003) para um contexto geral e Fernandes (2003; 2006; 2009) para um contexto específico, baseando-se no processo de urbanização de Guaratiba.

Em sua pesquisa sobre a expressão espacial do fenômeno da segunda residência, o geógrafo Lenilton Francisco de Assis se preocupa em tentar elucidar as principais causas do evento espacial em pauta. Em sua análise sobre as repercussões espaciais do fenômeno da segunda residência, Assis (2003) salienta que, a partir do processo de metropolização de certas cidades, cada vez mais se fazia necessário que o homem urbano saísse das áreas centrais superpovoadas em direção às periferias metropolitanas na busca do reencontro com a natureza.

Essa era uma forma de aliviar os estresses cotidianos e renovar suas energias. O espaço urbano, que outrora fora o centro de atração das habitações e do homem do campo em busca de trabalho, agora, apesar de concentrar diversas funções, leva seus moradores a buscarem novas áreas que lhes ofereçam as condições necessárias para uso do tempo livre em contato com a natureza.

Assim sendo, devido à proximidade das áreas centrais, as periferias metropolitanas passaram a ser os principais alvos dos especuladores imobiliários que procuravam valorizar os atributos naturais e culturais desses espaços, ofertando-os aos segmentos sociais específicos que dispunham de renda excedente para adquirir uma residência secundária.

Assis (2003) propõe ainda que o fenômeno da segunda residência é um dos responsáveis pelo processo de urbanização da periferia, uma vez que determinado capital migra para as áreas periféricas, materializando-se por meio de imóveis que passam a representar também uma reserva de valor imobiliário.

Ao pressupor a disponibilidade de uma renda excedente, a residência secundária deixa de ser apenas uma alternativa de lazer, passando a ser também uma opção de investimento. A partir do momento em que a segunda habitação passa a agregar também um valor de troca, entra em cena o maior responsável pela transformação do espaço periurbano: o especulador imobiliário. Este, por meio de propagandas insidiosas, tem por objetivo a transformação dos atributos naturais e das amenidades da periferia metropolitana em verdadeiros chamarizes residenciais.

Na aludida temporalidade, Guaratiba não passava de uma localidade caracterizada pelas atividades rurais – pautadas, principalmente, na agricultura, e nos muitos sítios visitados por seus proprietários nos momentos de lazer. Era o típico fim de semana na roça. Assim sendo, esse tipo de anúncio tinha como público-alvo, pessoas interessadas em adquirir uma área relativamente grande, onde pudessem construir um sítio que, na maioria dos casos, abrigava também uma habitação secundária. No entanto, a partir do início dos anos 1990, novas agências imobiliárias começam a oferecer às camadas privilegiadas economicamente um produto diferenciado em relação ao ofertado por seus precursores. Assim, as habitações secundárias, aos poucos, começam a serem substituídas por condomínios horizontais onde a habitação passa a ser permanente.

Retornando a abordagem de Assis (2003) quando ele se debruça sobre o processo de transformação da segunda residência em habitação permanente, o referido geógrafo explica que na última fase deste processo, o perímetro original é absorvido pela expansão metropolitana, formando, agora, uma parte da própria cidade, ao passo que as segundas residências anteriores são metamorfoseadas em residências permanentes.

Atualmente, em Guaratiba, é cada vez maior o número de pessoas que optam por residir em suas antigas residências secundárias. Além disso, famílias oriundas sobretudo do eixo Recreio-Barra-Zona Sul, têm encontrado no lugar uma qualidade de vida satisfatória, considerando-se suas vantagens locais, como preços relativamente baixos, disponibilidade de terra, atributos da paisagem, ínfimos índices de criminalidade, entre outras. Esses últimos, no entanto, representam uma nova modalidade de residentes: aqueles que optam pelos condomínios horizontais.

Além dos atributos naturais e da atmosfera campestre, outras vantagens não podem ser descartadas se queremos entender a marcha urbanizadora que vigora nos domínios guaratibanos. Associado aos fatores citados está a menor carga tributária (IPTU) em relação ao Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e a bairros da Zona Sul. Além disso, o fator proximidade também pode ser incluído nesse pacote, uma vez que Guaratiba encontra-se relativamente próxima às citadas localidades.

Embora possua uma atmosfera campestre e um ambiente rústico, Guaratiba representa um domínio carioca. Este fato permite aos novos moradores estarem em um lugar que atenda aos seus anseios, pagando um valor bem menor, em comparação à Barra e ao Recreio, bairros vizinhos.

Como fruto da crescente valorização imobiliária, na década de 1990, surgiram em Guaratiba os primeiros condomínios residenciais. O local, que durante séculos foi pouco explorado, ao qual os populares diziam ter parado no tempo em relação a outras localidades do município do Rio de Janeiro, passa, então, a chamar atenção de muitas pessoas em meio a inúmeros problemas metropolitanos.

Seus domínios começaram a ser objeto de desejo no que tange a residir em um local pleno de amenidades, proporcionando aos que desejam fugir da metrópole, uma qualidade de vida compatível com seus anseios. Nesse sentido, vale repetir, os atributos do lugar como montanha, verde, tranquilidade, segurança, entre outros, são então utilizados como chamarizes para aqueles que almejam estar, paradoxalmente, próximo e distante da vida urbana.

Desde a instalação dos primeiros condomínios na baixada de Guaratiba, a valorização imobiliária é crescente. A cada dia que passa, morar em localidades como Ilha de Guaratiba fica mais dispendioso, principalmente nos condomínios que, com raríssimas exceções, representa uma opção apenas para pessoas oriundas de áreas valorizadas como Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e bairros da Zona Sul. Esse fato se justifica pelo alto valor conferido aos terrenos e/ou imóveis, sendo estes acessíveis apenas a classes privilegiadas economicamente que, em grande parte, residem em áreas valorizadas da cidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Domínios, limites, fronteiras e obstáculos são questões frequentemente focalizadas nos estudos geográficos (MELLO, 2001). Como temos defendido neste artigo, os limites de Guaratiba dizem respeito a diferentes espaços e/ou lugares. Estes, por sua vez, possuem características que se assemelham – principalmente aquelas relacionadas à sua história em comum, ao que eu denomino ‘Guaratiba original’ – e singularidades que diferenciam as ‘distintas Guaratibas’ que foram se consolidando no transcurso de suas respectivas histórias e geografias (FERNANDES, 2024b). Assim, não é apropriado falar de Guaratiba como se este domínio carioca representasse uma unidade homogênea. Na verdade, coexistem “Guaratibas” dissemelhantes: Guaratiba, Barra de Guaratiba, Pedra de Guaratiba e Ilha de Guaratiba.

Nesse diapasão, quando são abordadas questões relacionadas à valorização imobiliária e a marcha urbanizadora, Ilha de Guaratiba é o foco de análise. Da mesma forma, quando é salientada a relação de Burle Marx sobre o local, além de Ilha de Guaratiba (o maior produtor

de plantas ornamentais do estado), podemos incluir Barra de Guaratiba – localidade onde está o Sítio Roberto Burle Marx e lugar onde o paisagista morou por décadas. De maneira semelhante, pode-se dizer em relação aos demais bairros guaratibanos: Guaratiba – o mais extenso bairro da municipalidade – embora seja marcado pelo adensamento populacional, ainda possui grandes propriedades agrárias como a Fazenda Mato Alto. Pedra de Guaratiba, por sua vez, é um bairro fortemente influenciado pela Baía de Sepetiba, que deveria se chamar Baía de Guaratiba, uma vez que se forma pela junção entre a Restinga da Marambaia (que começa a se formar em Barra de Guaratiba) e as terras de Pedra de Guaratiba, bairro cercado pelas águas da aludida baía.

Os registros de Guaratiba, vale repetir, remontam a 1579, ano de inauguração da sesmaria do mesmo nome. Seus domínios atuais coincidem com os limites estabelecidos por meio do decreto 3158 de 1881 – documento que instituiu a R. A. de Guaratiba – sendo esta composta por três bairros oficiais (Guaratiba, Barra de Guaratiba e Pedra de Guaratiba).

Além dos três bairros citados acima, no interior de Guaratiba (o mais extenso bairro da cidade), há um outro bairro eleito por seus moradores, o qual a prefeitura não reconhece como tal, cujos limites são fluidos e existencialmente demarcados: Ilha de Guaratiba.

Neste diapasão, podemos dizer que os domínios de Guaratiba não dizem respeito apenas aos limites impostos por decretos. Na verdade, no transcurso de sua história e geografia, guaratibanos de longa tradição têm forjado por meio de sua intensa relação com o lugar uma geografia memorável, baseada em domínios de bem-querência.

Sendo assim, podemos dizer que há bem querência dos pescadores de Pedra de Guaratiba em sua relação diária com a baía de Guaratiba/Sepetiba. Neste contexto, artefatos centenários como o mercado do peixe e a sede da colônia de pescadores são alçados à condição de lugar ou lar, uma vez que são vivenciados por trabalhadores que deles dependem em sua lida cotidiana.

Há, igualmente, bem querência dos moradores tradicionais de Ilha de Guaratiba em seu trato com a terra. A grande produção agrícola de outrora fez de Guaratiba uma das mais prósperas freguesias do Rio antigo nos séculos XVIII e XIX. A aptidão agrícola do lugar prevaleceu até a década de 1980, quando a produção de alimentos começou a decair. O fim desta atividade, no entanto, não freou o ímpeto dos tradicionais agricultores que, sob influência de Roberto Burle Marx, substituíram as roças de outrora pelos hortos hodiernos. Assim, por

meio do amor dos guaratibanos à terra, Ilha de Guaratiba migrou da agricultura tradicional para a atividade paisagística, tornando-se um dos jardins do Rio.

Guaratiba, assim como outros points da cidade, extrapola seus limites por meio de uma geografia pulsante trançada por seus moradores, tendo um alcance extraordinário, sobretudo quando se lembra que atrai indivíduos de diferentes lugares. Este afluxo de pessoas é provisório (atrelado às visitas a monumentos, ao sítio Roberto Burle Marx, aos restaurantes, aos hortos...) e permanente, ligado à migração de população residente de outros perímetros para os domínios de Guaratiba, o último lugar da fronteira da urbe carioca. No ano em que completa seu 445º aniversário (05/03/2024), Guaratiba segue sua marcha urbanizadora, sem - no entanto - perder seus encantos.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2008. 155 p.

ASSIS, Lenilton Francisco de. Turismo de Segunda Residência: a Expressão Espacial do Fenômeno e as Possibilidades de Análise Geográfica. *Revista Território*, Rio de Janeiro: set/out, p. 107-122, 2003.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira de. Rio de Janeiro – uma cidade conectada por túneis. *PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO*. Secretaria Municipal de Urbanismo: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, Rio de Janeiro, 2004. 57 p.

CORRÊA, Magalhães. O Sertão Carioca. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* – volume 167. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936. 478 p.

FERNANDES, Marcio Luis. Ilha de Guaratiba: De Espaço a Lugar. 2003. 44f. Monografia (Graduação em Geografia) – Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Ilha de Guaratiba em seus atributos naturais. Rio de Janeiro, 2005. 41f. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/ilha-de-guaratiba-em-seus-atributos-naturais/136345/>>. Acesso em: 29 de março de 2024.

_____. A Valorização do “Espaço” produzindo a valorização do “Lugar:” O caso de Ilha de Guaratiba – R.J. 2006. 56 f. Monografia (Especialização em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Ilha de Guaratiba e suas paisagens. Rio de Janeiro, 2008. 32 f. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/ilha-de-guaratiba-e-suas-paisagens/136627/>>. Acesso em 29 de março de 2024.

_____. Por uma Necessária Mudança de Valores: uma proposta para a produção de um espaço (urbano) que privilegie o uso e não a troca. In: SIMPÓSIO NACIONAL O RURAL E O URBANO NO BRASIL, 2., 2009, Rio de Janeiro. Anais...Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

_____. Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba. 2010. 99f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

_____. Descortinando a marcha urbanizadora em Ilha de Guaratiba a partir das experiências vividas por seus moradores. Rio de Janeiro, 2011. 25 f. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/descortinando-a-marcha-urbanizadora-em-ilha-de-guaratiba-a-partir-das-experiencias-vividas-por-seus-moradores/136505/>>. Acesso em 29 de março de 2024.

FERNANDES, Marcio Luis. O Caráter Identitário da Toponímia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDO DAS AMÉRICAS, 3., 2012. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

_____. Globalização e urbanização do mundo. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/globalizacao-e-urbanizacao-do-mundo/136480/>>. Acesso em 29 de março de 2024.

_____. Um outro horizonte em busca da humanização da geografia. Revista Geograficidade, Niterói, v.4, n.1, p. 78-87, verão 2014.

_____. Corrida à Zona Oeste. Jornal O Dia (Coluna Opinião): Rio de Janeiro, 26 nov. 2014 b.

_____. Descortinando o universo simbólico de um lugar. Revista Perspectiva Geográfica, Cascavel, v.9, n.11, 2014 c.

_____. Descobrindo o Rio – Ilha de Guaratiba. Entrevista concedida à Rádio Band News FM: 2014 d. disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=PXUpRFR7Dik&feature=share>. Acesso em 29 de março de 2024.

_____. O papel da residência secundária no processo de urbanização da periferia do Rio de Janeiro: o caso de Ilha de Guaratiba (artigo). Revista Expressões Geográficas, Florianópolis, n.10, 2015.

_____. A valorização do espaço produzindo a valoração do lugar (resumo de monografia). Revista Expressões Geográficas, Florianópolis, n.10, 2015 b.

FERNANDES, Marcio Luis. Ilha de Guaratiba: um lugar descortinado por seus moradores desaguando no Rio olímpico. Tese de doutorado em geografia: UERJ, 2015 c.

_____. De Willian ao Túnel da Grota Funda: a marcha para o oeste. Trabalho (resumo expandido) aceito e apresentado no Seminário Rio 450 – Territórios e Paisagens em transformação: UFRJ, 2015 d. disponível em: <https://www.webartigos.com/%E2%80%A6/de-willian-ao-tunel-da-%E2%80%A6/139456>. Acesso em 29 de março de 2024.

_____. O lugar em sua multidimensionalidade. Revista GeoUERJ: Rio de Janeiro, n. 28, 2016.

_____. Um Lugar do Rio. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

_____. Representações do espaço Urbano. Revista Geografias: Belo Horizonte, v.14, n.1, 2017 b.

_____. A emergência da valoração a partir do processo de valorização: um debate sobre algumas representações do espaço urbano. Revista Uniabeu: Nova Iguaçu, v.11, n.27, 2018.

_____. Uma Ilha de símbolos. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

_____. Guaratiba: 440 anos de memoráveis geografias. Jornal O Dia (Coluna Opinião): Rio de Janeiro, 29 de março de 2019 b.

_____. Geografias memoráveis. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2020. 191 p.

FERNANDES, Marcio Luis. Geografias Guaratibanas. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2021. 109 p.

_____. Lugar e simbolismo. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2022.

_____. Guaratiba e seus domínios. In: RIBEIRO, Miguel Angelo; NUNES, Nathan da Silva. Perspectivas Geo-escalares sobre o território fluminense. Rio de Janeiro: Appris, v.1, 2022 b.

_____. Por uma geografia mais humana. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2022.

_____. Lugar e Memória. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2023.

_____. Sobre a memória dos lugares. Rio de Janeiro: 2023 b. Disponível em: https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/geografia/____sobre-a-memoria-dos-lugares.htm. Acesso em 29 de março de 2024.

_____. O conceito geográfico de bairro. Rio de Janeiro: 2024. Disponível em: https://meuartigo.brasescola____.uol.com.br/geografia/o-conceito-geografico-de-bairro.htm. Acesso em 29 de março de 2024.

_____. Guaratiba e seus domínios geográficos. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2024.

FRIDMAN, Fania. Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Editora Garamond), 1999. 304 p.

JANOT, Luiz Fernando. A caminho de Guaratiba. Jornal O GLOBO (coluna opinião). Edição publicada em 26 de outubro de 2013.

LESSA, Carlos. O Rio de Todos os Brasis: Uma Reflexão em Busca de Auto-Estima. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 478 p.

MASCARENHAS, Gilmar. O Lugar da Feira-Livre na grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989). 1991. 220 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Descortinando e (Re)pensando Categorias Espaciais com Base na Obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). Matrizes da geografia cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 87-101.

PINTO, Rivadávia. Guaratiba: Um Orgulho de 407 Anos. Razão: o jornal positivo. Rio de Janeiro, não paginado, novembro. 1986.

REDONDO, Andrea Albuquerque. A cidade cresce para Guaratiba. In: [http:// urbe carioca.blogspot.com.br](http://urbe.carioca.blogspot.com.br). Publicado em 25 de setembro de 2012.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997. 352 p.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; COELHO, Maria do Socorro Alves. A importância do fenômeno da segunda habitação e suas implicações com a atividade de lazer-veraneio: o exemplo do

Estado do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 9., 2007, Niterói. Anais... Niterói: ANPEGE, 2007. 1 CD-ROM.

SANTOS, Noronha. As freguesias do Rio antigo. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas Soares. Aspectos da geografia carioca.: Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1962.

_____. O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. In: BERNANDES, Lysia; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro – Cidade e Região. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. p. 105-120.